

## O USO DAS REDES SOCIAIS DE UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

### THE USE OF SOCIAL NETWORKS IN A GENDER PERSPECTIVE

### EL USO DE REDES SOCIALES DESDE UNA PERSPECTIVA DE GÉNERO<sup>1</sup>

Neide Maria de Almeida Pinto<sup>2</sup>  
Joyce Keli do Nascimento Silva<sup>3</sup>  
Ana Louise de Carvalho Fiúza<sup>4</sup>

#### Resumo

Este estudo busca compreender os usos e as finalidades que homens e mulheres dão às Tecnologias de Informação e da Comunicação (TIC), bem como, sua relação com os papéis sociais desempenhados por ambos no espaço doméstico. Tem-se como premissa que os papéis sociais que homens e mulheres desempenham na sociedade, interferem nos usos que ambos fazem das tecnologias e perfazem desigualdades de gênero. O recorte empírico tomou como referência 325 pessoas, entre estudantes, professores e servidores vinculados a uma universidade pública brasileira, de ambos os sexos e de diferentes gerações. O aporte teórico adotado considera a influência mútua entre a tecnologia e o contexto social em que ela opera, reconhecendo a interinfluência entre estrutura e ação. Os resultados evidenciaram que os usos das TIC para a mulher estão mais associados ao espaço privado e às práticas do cuidado com a família e, para o homem, o uso das mídias digitais esteve mais voltado para as oportunidades nas redes profissionais. No entanto, o uso das redes com interesses focados em autoaperfeiçoamento e educação pelas mulheres, podem apontar para processos em curso, indicativos das possibilidades de transformação desses sujeitos e de suas práticas sociais.

**Palavras-chave:** Tecnologias de Informação e da Comunicação. Desigualdades de Gênero. Espaço Doméstico.

#### Abstract

This study seeks to understand the uses and purposes that men and women give to Information and Communication Technologies (ICT), as well as their relationship with the social roles played by both in the domestic space. It is assumed that the social roles that men and women play in society, interfere in the uses that both make of technologies and make up gender inequalities. The empirical excerpt took as a reference 325 people, including students, professors and civil servants linked to a Brazilian public university, of both sexes and of different generations. The theoretical approach adopted considers the mutual influence between technology and the social context in which it operates, recognizing the inter-influence between structure and action. The results showed that the uses of ICT for women are more associated with the private space and the practices of family care and, for men, the use of digital media was more focused on opportunities in professional networks. However, the use of networks with interests focused on self-improvement and education by women, can point to ongoing processes, indicative of the possibilities of transformation of these subjects and their social practices.

**Keywords:** Information and Communication Technologies. Gender Inequalities. Domestic Space.

<sup>1</sup> Este artigo faz parte dos resultados de pesquisa "Os Usos das TICs sob uma perspectiva de gênero e geração", desenvolvida com o aporte financeiro da FAPEMIG e do CNPq, cujo apoio agradecemos.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professora Titular vinculada ao Departamento de Economia Doméstica e ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, MG, Brasil. E-mail: nalmeida@ufv.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8713-5471>

<sup>3</sup> Pós-doutorado em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa; Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: joycekelinascimento@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8694-8323>

<sup>4</sup> Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, MG, Brasil. Professora do Departamento de Economia Rural e do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, MG. E-mail: lousefiuza@ufv.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3898-1583>

## Resumen

Este estudio busca comprender los usos y propósitos que hombres y mujeres dan a las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC), así como su relación con los roles sociales que ambos desempeñan en el espacio doméstico. Se asume que los roles sociales que juegan hombres y mujeres en la sociedad, interfieren en los usos que hacen de las tecnologías y componen las desigualdades de género. El extracto empírico tomó como referencia a 325 personas, entre estudiantes, profesores y funcionarios vinculados a una universidad pública brasileña, de ambos sexos y de distintas generaciones. El enfoque teórico adoptado considera la influencia mutua entre la tecnología y el contexto social en el que opera, reconociendo la inter-influencia entre estructura y acción. Los resultados mostraron que los usos de las TIC para las mujeres están más asociados al espacio privado y las prácticas de cuidado familiar y, para los hombres, el uso de los medios digitales estuvo más enfocado a las oportunidades en las redes profesionales. Sin embargo, el uso de redes con intereses enfocados en la superación personal y la educación de las mujeres, puede apuntar a procesos en curso, indicativos de las posibilidades de transformación de estos sujetos y sus prácticas sociales.

**Palabras clave:** Tecnologías de la Información y la Comunicación. Desigualdades de Género. Espacio doméstico.

## INTRODUÇÃO

O acesso e uso das Tecnologias de Informação e da Comunicação (TIC) está relacionado a um processo contínuo e crescente de tecnologização dos agregados familiares nas sociedades contemporâneas. Este processo tem, por sua vez, sedimentado o debate acerca de um dos efeitos que o crescente acesso às TIC trouxe para os indivíduos, a diluição das fronteiras do tempo/espaço entre a casa e o trabalho. Tal possibilidade dada pelas propriedades de ubiquidade e a constante disponibilidade destas tecnologias, permitiu trazer o trabalho ao espaço doméstico e levar a casa ao trabalho, como destaca Kaufman-Scarborough, (2006).

Neste artigo busca-se argumentar que este efeito invasivo do trabalho remunerado no espaço doméstico encontra resistência entre as mulheres, diferentemente dos homens. Esta resistência estaria associada, menos a fatores de cunho individualistas ligados a seus projetos pessoais e mais justificados nos papéis sociais que a mulher desempenha junto à família, ligados ao trabalho doméstico e aos cuidados com a sua prole. Neste contexto, se tem como premissa que os papéis sociais da mulher, como *mãe, mulher e esposa* estabelecem limites ao uso das tecnologias para o trabalho produtivo no espaço privado. Assim, para as mulheres, as TIC são empregadas, prioritariamente, para os contatos com a família e para a gestão doméstica familiar.

Tal debate tem como desdobramento, as discussões relativas às diferentes clivagens que se estabelecem para o acesso às TIC, sendo uma delas, as desigualdades de gênero presentes no espaço doméstico. Tais desigualdades não estão, a nosso ver, descoladas das discussões que incidem sobre o modo como, na nossa sociedade, se constrói os modos de “ser homem” e de “ser mulher” e que perpassam os papéis e as identidades geradas e

mantidas no espaço doméstico e familiar. O conceito de gênero, portanto, se estabelece a partir do seu vínculo com as teorias feministas, como construção social e cultural, estrutura e relação de desigualdade, marcador de identidade dominante/dominada e definidor das subjetividades (LORBER, 2010). Nesse sentido, observar os papéis sociais associados ao gênero do indivíduo, nos permitirá também aclarar os modos de funcionamento da economia familiar, cuja estrutura se assenta, em parte, nessas desigualdades e, frequentemente, são naturalizadas e susceptíveis a invisibilidade.

É esta perspectiva que este artigo buscou aprofundar: a existência de desigualdades de gênero na análise da posse e do uso da televisão, do celular, do computador e da *internet* no âmbito do espaço doméstico, um segmento que poderia ser considerado predisposto ao uso das TICS. Para tanto, tomou-se como referência empírica, integrantes de uma comunidade acadêmica, estudantes, professores e servidores, ativos e aposentados, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais/Brasil.

## **AS DESIGUALDADES E BARREIRAS DE ACESSO À POSSE E USO DAS TIC ENTRE OS GÊNEROS**

Entre as perspectivas teóricas presentes nos estudos sobre o significado social da tecnologia e sobre as mudanças ocasionadas por ela na sociedade adotou-se como perspectiva teórica o reconhecimento do *condicionamento recíproco* entre “tecnologia” e “sociedade”, concebendo os recursos tecnológicos como integrantes de um processo social (SIMÕES, 2005). Esta abordagem afasta a ideia de neutralidade no acesso às tecnologias, mas, também, não assume o determinismo tecnológico sobre a sociedade. O foco analítico volta-se mais para a forma como se estabelece a escolha e a aquisição de equipamentos, o seu modo de uso e, especialmente, a forma como se estabelece apropriação diferencial das tecnologias, seja do ponto de vista dos estereótipos de gênero (SCHOUTEN *et al*; 2012), seja em relação a outros condicionantes sociais, como classe social, escolaridade, religião, etnia, dentre outros (SIMÕES, LAS HERAS E AUGUSTO, 2011).

Refletindo sobre as causas da exclusão digital, Van Dijk (2012; 2018) considera as barreiras à posse e uso das TIC a partir de um conceito relacional e multifacetado de acesso, definindo quatro tipos de barreiras, a saber: 1) *barreiras de acesso físico ou material*; 2) *barreiras de acesso motivacional*; 3) *barreiras de acesso às habilidades ou competências necessárias para o uso* e, por fim, 4) *barreiras de acesso ao uso*. As primeiras delas, as barreiras de acesso físico e material às TIC, são registradas, frequentemente, devido a

diferenças estruturais entre países, entre regiões de um mesmo país, entre o espaço rural e o urbano, entre bairros centrais e periféricos, entre classes sociais, gêneros, gerações, etc. A essas barreiras se somam aquelas decorrentes dos custos de aquisição de equipamentos eletrônicos, serviços de internet e telefonia, que afetam especialmente as mulheres. Segundo dados do IBGE (2018a), as mulheres brasileiras continuam recebendo menos que os homens, mesmo quando elas possuem formação em nível superior.

As barreiras de acesso motivacional são caracterizadas pela ausência de experiência digital elementar relacionada à falta de interesse nas novas tecnologias ou à pouca atratividade delas para o usuário, bem como à *tecnofobia*<sup>5</sup>; frequentemente associadas à geração dos usuários e apontadas como temporárias (VAN DIJK, 2012, 2018). Estudos que investigaram a existência de barreiras motivacionais no acesso às TIC entre os gêneros, apontaram que, em geral, as mulheres tinham atitudes mais negativas e tendiam a abordar a tecnologia com mais ansiedade, medo, dúvida e apreensão do que os homens (KOTZÉ, ANDERSON e SUMMERFIELD, 2016; BAIN E RICE, 2014). Schouten *et al* (2012) acrescentam que a idade e o grau de escolaridade também são variáveis determinantes de barreiras de acesso motivacional.

Já as barreiras de acesso às competências para o uso das TICs se relacionam à ausência do conhecimento necessário para operação de *hardwares* e *softwares*, bem como da capacidade de pesquisar, selecionar e processar informações de múltiplas fontes, que podem ser causadas pela educação inadequada ou pela falta de apoio social (VAN DIJK, 2012). Assim, referendando os estudos de Schouten *et al.* (2012), competências diferenciadas, produzem e aprofundam as desigualdades de uso das tecnologias entre os gêneros. Para a autora, as pessoas mais jovens e com maior escolarização tendem a apresentar maior domínio de competências tecnológicas. Por fim, as barreiras de acesso ao uso das TIC se relacionam à existência de oportunidades insuficientes para um uso socialmente relevante ou a distribuição desigual dessas oportunidades (VAN DIJK, 2012). Apesar da tendência de massificação da posse dos equipamentos tecnológicos, os estudos têm indicado a persistência da divisão digital de gênero na capacidade de aquisição de equipamentos e serviços tecnológicos devido à desigualdade de renda, bem como da genderização das atitudes, competências e tipos de uso das TIC (SCHOUTEN *et al*; 2012).

<sup>5</sup> A expressão *tecnofobia* remete à ansiedade, medo ou insegurança ao usar os recursos tecnológicos (Van Dijk, 2012;2018).

## O CAMPO DE POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DOS PROJETOS INDIVIDUAIS FACE AO ENGENDRAMENTO DOS PAPÉIS SOCIAIS

A discussão dos papéis sociais que homens e mulheres desempenham na sociedade é reveladora das mediações existentes entre o universo macrosocial de significação objetivado por uma sociedade e os modos pelos quais estes universos são subjetivamente absorvidos pelos indivíduos (BERGER & LUCKMANN, 1998). O projeto de individualização dos sujeitos é perpassado, assim, pela forma como o mesmo se revela no seu campo de possibilidades de escolha, configuradas mediante a cultura vigente, inclusive, nas normas relativas aos papéis de gênero. Neste sentido, conforme destacam Araújo e Veiga (2017), observa-se a partir da segunda metade do Século XX, o enfraquecimento dos arranjos familiares prevaletentes a partir de finais do século XIX. Mudanças culturais relacionadas à Revolução Sexual dos anos 60, bem como a maior inserção da mulher no mercado de trabalho trouxeram novas configurações às famílias. Conforme já assinalava Beck (2011), os avanços da modernização atingiram de forma geral, a todos países ocidentais industrializados e trouxeram um reposicionamento das posições na família. O casamento que, até então, ocupava papel estruturador das biografias dos indivíduos se enfraquece. De acordo com Beck (2011:151):

“Já não é tão evidente se duas pessoas se casarão, quando se casarão, se viverão juntas e não se casarão, se se casarão e não viverão juntas, se terão ou criarão filhos dentro ou fora da família, com a pessoa junto a quem se vive ou com a pessoa a quem se ama, mas que vive com outra pessoa, antes ou depois de fazer carreira, ou mesmo durante. Tampouco é claro como isso tudo pode ser combinado, a curto ou longo prazo, ou mesmo temporariamente, com as obrigações de manutenção, carreira e profissão de todos os envolvidos. ”

O processo de destradicionalização envolveu, desta forma, mudanças de sentido da família e da sexualidade, do casamento e da paternidade, resultando em uma erosão das formas tradicionais de vida, possibilitando maior espaço para a construção da autonomia e independência da mulher. O abalo do modelo tradicional de família no contexto da sociedade moderna se amplia mediante às exigências legais na esfera do trabalho e das responsabilidades familiares, as quais passam a ser mais sujeitas aos direcionamentos do mundo público (BECK, 2011). Essas mudanças contribuíram para o deslocamento e a reconfiguração do modelo tradicional de família que tinha na sua base, a figura do homem como provedor e na mulher, a cuidadora da prole.

A inserção da mulher na esfera pública tem se dado a partir de muitas lutas no campo do direito, da educação e da sexualidade. Conforme já apontava Beck (2011), a integração da mulher no mercado de trabalho tem acompanhado a “legitimidade sexual-estamental” da hierarquia invertida: quanto mais “central” ou poderoso o grupo/área, menor é a representatividade feminina; de forma inversa, quanto mais marginal o grupo/área, maiores são as oportunidades de que as mulheres tenham oportunidades profissionais (BECK, 2011)<sup>6</sup>. Neste contexto, o autor aponta para a força coercitiva do grupo família, dentre outros grupos próximos, sobre as possibilidades de autonomia da mulher. No Brasil, em 2018 elas já representavam a metade da População Economicamente Ativa (PEA): índice de 51,29% para o gênero feminino e 48,71% para o masculino (CAVENAGHI, SUZANA, 2018). Apesar disso, a renda delas é 41,5% menor do que a dos homens, independentemente da jornada de trabalho e do nível de escolaridade, conforme Índice de Desenvolvimento de Gênero (IDG), divulgado em 2019, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). São as mulheres também, as mais afetadas pelo desemprego (IBGE, 2010). No campo das políticas públicas registram-se algumas que contribuíram para o processo de empoderamento da mulher desde a Constituição de 1988; a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, em 1994, no Cairo; a Conferência Mundial sobre a Mulher, em Pequim, em 1995, dentre tantas outras conquistas legais, como destacam CANO E COVRE-SUSSAI (2017). Entretanto, o Brasil ainda carece da implementação de muitos direitos conquistados legalmente, mas ainda não materialmente: creches, jardins de infância, escolas em tempo integral, jornadas de trabalhos flexíveis que deem aporte à família na conciliação do trabalho com a vida familiar, dentre tantas outras medidas.

Para Beck (2011), por detrás do ideal de parceria manifestado no discurso da modernidade, o espaço doméstico manteve as *contradições* associadas às atribuições de caracteres de gênero, os quais são basilares para a sociedade industrial-capitalista-informacional. Conforme aponta Beck (2011:161), “sem a distinção dos papéis de homens e mulheres, não haveria a família nuclear (...), não haveria a sociedade industrial em seu esquematismo de vida e trabalho”. Segundo o autor, o trabalho doméstico é fundamental à possibilidade do trabalho remunerado, o qual exige as formas e atribuições da família nuclear,

<sup>6</sup> Essa posição subalterna da mulher na divisão do trabalho foi evidenciada nos estudos clássicos de Hirata (1988) e Lobo (1991). Esses trabalhos mostraram que o avanço das novas tecnologias não significou uma melhoria na divisão sexual do trabalho na indústria uma vez que estas foram apropriadas majoritariamente pelos homens para sua melhor qualificação, emprego e condições de trabalho. Isso significava que as mulheres permaneciam segregadas nos trabalhos manuais, repetitivos e taylorizados na indústria, com pouco contato com as novas tecnologias.

que se alicerçam nas posições desiguais de homens e mulheres. Tais desigualdades estão em contradição com os princípios da modernidade e, na continuidade deste processo, fazem emergir os conflitos e as tensões nas relações entre os sexos.

Esta perspectiva é tomada como referência neste trabalho e, a partir dela, buscamos compreender em que medida a dinâmica do indivíduo ante aos papéis tradicionais se revelariam no acesso e no uso das Tecnologias da Comunicação e da Informação (TIC) em grupos sociais de diferentes gerações, mas favorecidos pelo acesso às TICs, como aquele formado pela comunidade acadêmica, estudantes, professores e técnicos (da ativa e aposentados).

## METODOLOGIA

A pesquisa pode ser classificada como descritiva-explicativa em função de ter tido como objetivo descrever a posse e o uso das TIC entre estudantes, servidores e professores ativos e aposentados da UFV, bem como compreender os mecanismos através dos quais se deu a apropriação e o uso das mesmas por tais sujeitos. Para tanto, tomou-se como referência mulheres e homens, ligados a três grupos geracionais (jovens, adultos e idosos) e pertencentes a cinco grupos de interesse (estudantes, professores ativos, servidores ativos, professores aposentados e servidores aposentados) de uma universidade pública, a Universidade Federal de Viçosa.

A investigação teve caráter *cross-sectional*, com a aplicação de um questionário por sujeito em uma amostra constituída por 325 pesquisados<sup>7</sup> com o objetivo de levantar informações sobre a posse e os usos das TIC entre os sujeitos investigados. A questão que orientou a análise foi: *O gênero tem efeito sobre os usos e práticas com as TIC? Os dados obtidos foram tabulados no programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), utilizado para a análise estatística. Como não se encontrou evidência de que os dados assumissem uma distribuição normal, foram realizados testes de hipóteses não paramétricos para a verificação do efeito do gênero sobre a posse, o uso e as diferentes formas de apropriação das TIC. O banco de dados final foi composto por 183 (56,5%) respondentes do sexo masculino e 141(43,5%) do sexo feminino. Quanto à geração dos entrevistados,*

---

<sup>7</sup> A pesquisa foi desenvolvida entre julho de 2019 e maio de 2019 e, para a definição da amostra, levou-se em consideração o universo populacional da UFV, *campus* sede localizado em Viçosa, MG. Conforme dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e pelo Registro Escolar da instituição, a comunidade acadêmica no momento da amostragem correspondia a 15.305 pessoas. A amostra, calculada conforme a proposta de Bolfarine e Bussab (2005), foi inicialmente composta por 318 questionários, sendo estendida para 325 com o intuito de se alcançar maior significância.

registramos 99 (30,6%) respondentes jovens (com idade entre 18 e 29 anos<sup>8</sup>); 137 (42,3%) respondentes adultos (com idade entre 30 e 59 anos) e 88 (27,2%) respondentes idosos (maiores de 60 anos<sup>9</sup>). O teste “Exato de Fisher”, utilizado para verificar a associação ou dependência entre duas variáveis categóricas dicotômicas (FIELD, 2009), foi empregado para testar a relação entre o sexo dos entrevistados e a posse, o uso e as diferentes formas de apropriação das TIC. Já o teste “U de Mann-Whitney”, que serve para testar diferenças de valores entre duas condições (FIELD, 2009), foi empregado para avaliar se o sexo tinha efeito sobre a frequência de uso das redes sociais. Por fim, o teste “H de Kruskal-Wallis”, que avalia diferenças entre vários grupos independentes, foi empregado para testar se a geração tinha efeito sobre a frequência de uso das redes sociais.

A discussão dos dados relacionados ao uso e acesso às TIC está vinculada aos papéis sociais que os sujeitos investigados desempenham no espaço público e privado e de que forma estes são indicativos dos campos de possibilidades e ou barreiras às possibilidades de *individualização* desses sujeitos – como valor e como modo de orientação de sua ação no mundo). Esta perspectiva considera a possibilidade de análise do projeto de individualização dos sujeitos e como ele se revela, nas possibilidades de escolhas (trabalho doméstico, cuidado dos filhos, educação, trabalho profissional, etc.) para a construção da autonomia e independência da bibliografia individual masculina e feminina.

## RESULTADOS

A análise da posse das TIC a partir da perspectiva de gênero nos permite perceber as peculiaridades que marcam a posse das novas tecnologias entre homens e mulheres. Observou-se nos dados referentes à comunidade acadêmica uma pequena vantagem das mulheres na posse do celular (99,3% contra 96,2% dos homens), da *internet* (98,6% contra 94,5%) e na posse do *notebook* (92,2% contra 72,7%). Já no que se refere à posse das tecnologias mais tradicionais os percentuais indicam uma diferença levemente superior em favor dos homens, com destaque para a diferença na posse do telefone fixo (53,6% contra 46,1% das mulheres) e do computador de mesa (50,3% contra 33,3%). Entretanto, ao se aplicar a esta análise descritiva dos dados, o teste “Exato de Fisher” observou-se a tendência de igualdade entre os gêneros na posse do celular, da internet, do tablete, da televisão e do

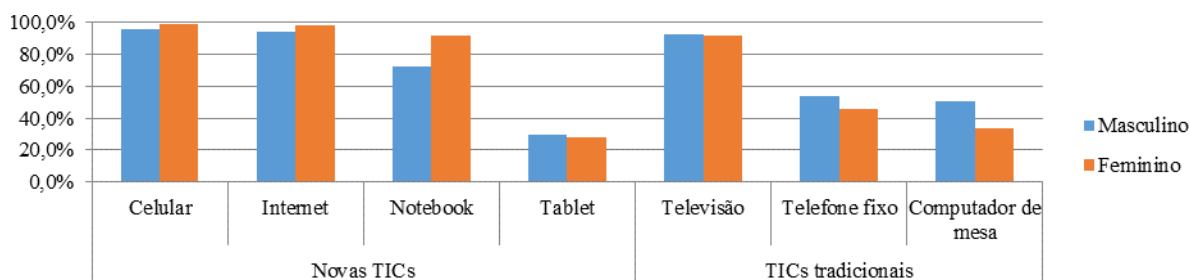
<sup>8</sup> Conforme disposto no Estatuto da Juventude, Lei nº. 12.852/2013, “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”.

<sup>9</sup> Conforme disposto no Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741/2003, são consideradas idosas “as pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”.



telefone fixo, não tendo sido observadas diferenças estatisticamente significativas ( $p > 0,05$ ). Os dados desta pesquisa coincidiram com aqueles identificados em estudos desenvolvidos na América (OCDE, 2018) e no Brasil, não revelando tendência de divisão digital na posse das TICs. De fato, no Brasil, a proporção de mulheres que tem acesso a essas tecnologias tem, progressivamente aumentado, como mostram os dados do IBGE (2018a; 2018b), sendo até, em geral, maior que a dos homens. Segundo o IBGE, no ano de 2016, 75,9% dos homens e 78,2% das mulheres utilizavam aparelhos de telefonia móvel no Brasil, sendo que em 2017, 68,8% dos homens e 70,7% das mulheres utilizavam a internet no país. Tais resultados também apontam para mudanças nas tendências registradas em várias culturas e grupos etários associando os homens a usar mais as TIC, tal qual apontou o estudo de Pan e Jordan-Marsh (2010).

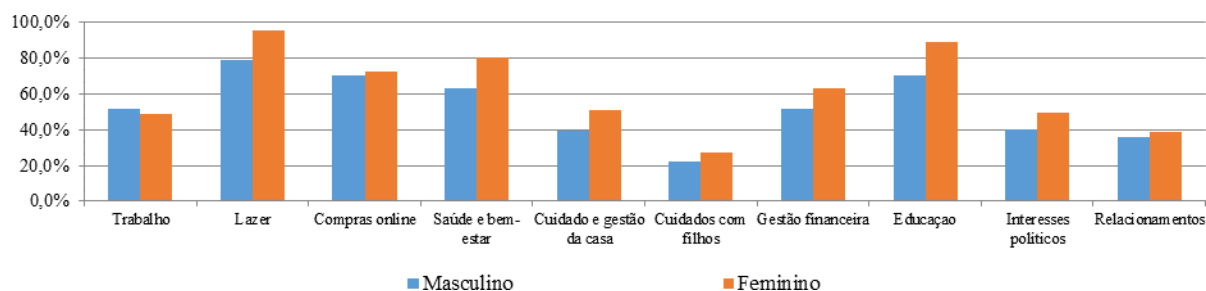
Gráfico 1 – Posse de TIC, conforme o gênero.



Fonte: Banco de dados da pesquisa (2019).

Entretanto, se o acesso físico aos artefatos tecnológicos não é revelador de desigualdades de gênero, há que se investigar se outras clivagens não estariam atuando como condicionantes ao seu uso. O simples acesso às tecnologias e às redes digitais pode não eliminar a existência de barreiras para o seu uso e apropriação, visto que podem haver limitações que não seriam meramente físicas e econômicas. Assim, na análise das possíveis barreiras de gênero e geração ao uso e/ou às práticas de utilização das TIC, os entrevistados homens e mulheres de distintas idades foram questionados sobre quais práticas realizavam através do celular e do computador conectados à internet. Os dados mostraram que as mulheres superavam os homens em quase todas as práticas digitais listadas no *survey* (gráfico 2).

Gráfico 2 – Tipos de uso do computador e do celular, ligados à internet, conforme o gênero.



Fonte: Banco de dados da pesquisa (2019).

Ao se aplicar aos dados o teste “Exato de Fisher” percebe-se que o gênero tem efeito sobre alguns dos usos das TIC. O teste de hipótese ( $p < 0,05$ ) mostrou que o gênero está associado ao uso das TIC para práticas relacionadas ao lazer, à saúde e bem-estar, cuidados com a casa, gestão financeira e educação. As mulheres foram mais propensas a realizarem essas atividades do que os homens. As novas tecnologias introduzem mudanças à forma como as práticas do cuidado e do trabalho doméstico são coordenados, um novo *modus operandi*, os quais não seriam possíveis sem o artefato. Como exemplo disso, celular passa a ser utilizado como ferramenta para a microcoordenação das atividades cotidianas da mulher uma vez que ele lhe permite uma gestão flexível dos tempos, mantendo consigo o papel de “coordenadora do lar”, tal como observou Ling (2006). No entanto, os usos das TICs revelam estar ligados à esfera doméstica e à vida privada, estando relacionados aos cuidados com a casa, a saúde e o bem-estar das pessoas.

Entre os adultos entrevistados, as mulheres superam os homens no uso das tecnologias na busca por informações de saúde e bem-estar (87,9% das mulheres contra 70,9% dos homens) e no cuidado com os filhos (55,2% contra 35,4%). O teste “Exato de Fisher” mostrou que essas diferenças eram estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ), indicando o efeito do gênero na realização destas práticas. Entre os idosos, as mulheres superam os homens no que diz respeito ao uso das TIC para práticas relacionadas à saúde e bem-estar (76,9% contra 45,2%) e no cuidado e gestão da casa (50,0% contra 27,4%), atividades em que diferenças entre os gêneros são estatisticamente significativas. Observa-se, assim, entre as mulheres adultas e idosas entrevistadas, que o uso das TIC reafirma as práticas de gênero associadas as representações do “ser mulher”. Mesmo tratando-se de servidoras públicas (professoras e técnicas administrativas), com vínculo profissional fora de casa, o uso das TICs por essas mulheres não se mostrou dissociado do espaço reprodutivo.

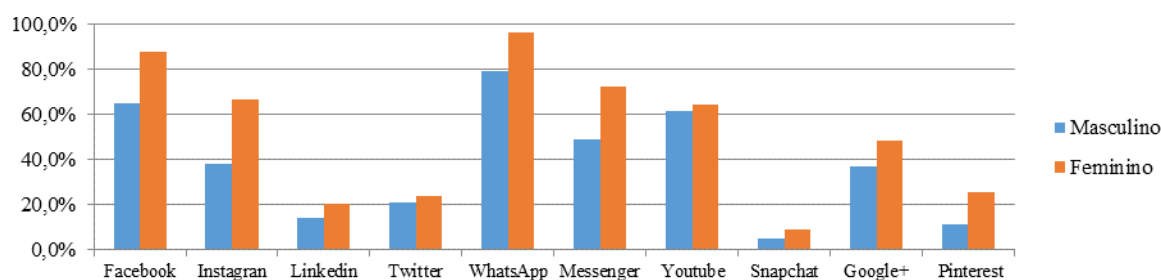
Assim, de um lado, se pode dizer que a modernidade trazida pelas novas tecnologias possibilitou uma reestruturação do próprio trabalho doméstico, uma vez que, segundo elas,

estes recursos tecnológicos têm sido usados para coordenar de forma mais eficiente as atividades do lar. Assim, a partir de aplicativos (como os organizadores pessoais) disponíveis em aplicativos de celulares e/ou softwares de computadores, as mulheres têm a possibilidade de planejar as suas atividades dentro e fora do espaço doméstico, como apontado nos estudos de Wajcman; Bittman; Brown (2008). Entretanto, essa racionalidade técnica aplicada ao trabalho doméstico a partir das TIC não aponta para mudanças no padrão tradicional das diferenciações de gênero no espaço doméstico. Com as TICs as mulheres ganharam novas ferramentas e formas de organizar o trabalho que lhes cabem tradicionalmente.

Todavia, a “genderização” dos usos das TIC fica menos evidente nas gerações mais jovens. Entre os jovens existe uma aproximação dos percentuais de homens e mulheres que utilizam as TIC para práticas ligadas à saúde e bem-estar (71,4% dos homens e 73,7% das mulheres), aos cuidados com a casa (47,6% e 47,4%, respectivamente) e com os filhos (2,4% e 3,5%, respectivamente), indicando uma tendência de equalização da divisão sexual do trabalho no espaço doméstico na faixa etária entre 18 e 29 anos, particularmente nos grupos dos professores e servidores ativos, já que os estudantes entrevistados eram solteiros, sem filhos e residiam em repúblicas. O maior equilíbrio destas práticas nesta faixa etária aponta para a possibilidade de estarem se materializando modelos não tradicionais de família.

Vale destacar que na análise de alguns usos das TIC que não estão diretamente ligados às responsabilidades domésticas e familiares, o teste “Exato de Fisher” apontou que também havia efeito do gênero ( $p < 0,05$ ), pois na população investigada, as mulheres eram mais propensas que os homens a realizarem práticas de lazer (95,7% contra 78,6%), gestão financeira (63,1% contra 51,6%) e educação (89,4% contra 69,8%). O teste de hipótese mostrou, todavia, que não havia efeito do gênero nos usos das TIC para o trabalho, compras *online*, interesses políticos e relacionamentos ( $p > 0,05$ ). Os resultados apontaram, também, uma maior adesão feminina ao uso das redes sociais, registrando os maiores percentuais em todas as plataformas, quando comparadas à contraparte masculina (gráfico 9). Nesse sentido, o teste “Exato de Fisher” confirmou que o gênero apresentava associação estatisticamente relevante com a adesão ao *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Messenger*, *Pinterest* e *Google+*, sendo que na população inquirida, as mulheres superaram a presença dos homens em todas estas plataformas.

Gráfico 3 – Uso das redes sociais, conforme o gênero.

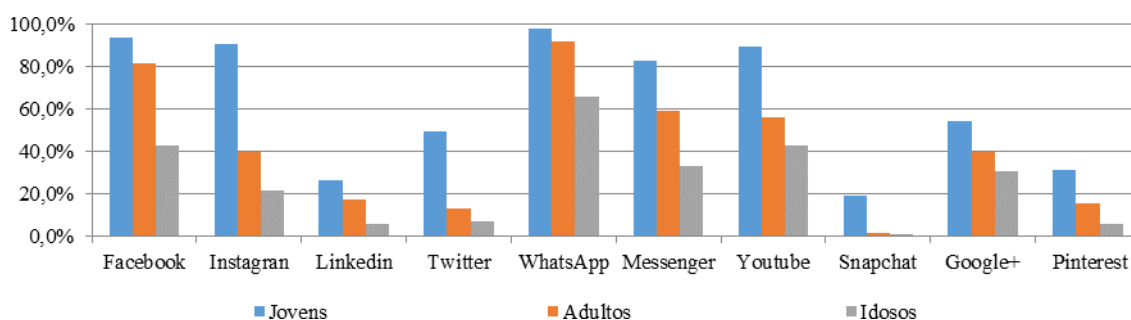


Fonte: Banco de dados da pesquisa (2019).

Por outro lado, o uso das redes sociais decresceu conforme aumentou a idade dos inquiridos, indicando que a geração também é um fator determinante (Gráfico 10). Entre os jovens foram registrados os maiores percentuais de adesão ao *WhatsApp* (98,0%), ao *Facebook* (93,9%), ao *Instagram* (90,9%), ao *YouTube* (82,9%) e ao *Messenger* (82,8%), que são as cinco plataformas digitais mais utilizadas no Brasil, segundo o relatório “Digital 2019 - Brazil ” (HOOTSUITE, 2019). Estas plataformas sociais são caracterizadas pelo amplo potencial de interação através de mensagens, áudios e chamadas de vídeo, bem como pelo intenso compartilhamento de mídias variadas (como fotos, vídeos, músicas, etc.) e pelo entretenimento.

Entre os adultos, os percentuais mais expressivos foram registrados no uso do *WhatsApp* (92,0%), do *Facebook* (81,8%), do *Messenger* (59,1%) e do *YouTube* (56,2%). E entre os idosos os percentuais mais altos foram registrados no uso do *WhatsApp* (65,9%), do *Facebook* (43,2%) e do *YouTube* (43,2%). É inegável a importância destas plataformas como instrumentos que favorecem o rompimento do isolamento social dos idosos, possibilitando-lhes a comunicação, a manutenção e a recuperação de laços com familiares e amigos, inclusive levando à aproximação intergerações, como já apontou o estudo de Araújo (2017); Krug, Xavier e D’orsil (2018). Por outro lado, percebe-se que os idosos acessam as TIC nas funções mais básicas, tal como apontou o estudo de Martinez-Pecino, Lera, and Martinez-Pecino (2012) e em plataformas digitais de mais simples interação. Os estudos ainda não são categóricos quanto a esta tendência e, sobre isso o debate ainda está aberto. Para Peacock e Künemund (2007), há dúvida se as próximas gerações se acostumarão às novas tecnologias ao longo de sua vida ou, se dada a velocidade crescente do desenvolvimento da tecnologia, em certa medida, um atraso estrutural na velhice pode se tornar uma característica permanente dos tempos modernos.

Gráfico 2 – Uso das redes sociais, conforme a geração.



Fonte: Banco de dados da pesquisa (2019).

O teste “U de Mann-Whitney” mostrou que o gênero tinha efeito sobre a frequência de uso do *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Messenger*, *Google+* e *Pinterest*, sendo que as mulheres superaram os homens na frequência de uso dessas redes sociais. E o teste “H de Kruskal-Wallis” mostrou que a geração tinha efeito sobre a frequência de uso das redes sociais, sendo que a comparação em pares indicou que: 1) os jovens utilizavam todas as redes sociais com maior frequência do que adultos e idosos; 2) os adultos utilizavam com maior frequência do que os idosos o *Facebook*, o *LinkedIn*, o *WhatsApp* e o *Messenger* e 3) não havia diferenças estatisticamente significativas na frequência de uso do *Instagram*, *Twitter*, *Youtube*, *Snapchat*, *Google+* e *Pinterest* entre adultos e idosos.

Os dados apontaram, portanto, para o fato de que as mulheres superavam os homens na adesão e na frequência de uso das redes sociais. Constatou-se, portanto, que as motivações para tamanha adesão podiam diferir conforme o gênero, como constatado também por Muscanell e Guadagno (2011), Kimbrough *et al.* (2013), Ang (2017) e Krasnova *et al.* (2017). Homens e mulheres diferiam, assim, na forma como passavam o tempo *online*. As mulheres eram mais propensas a buscarem interação social e a manutenção de relacionamentos, o que explicaria a maior adesão delas ao *Facebook* e a maior frequência no seu uso. A plataforma possibilita às mulheres a conexão entre pessoas, o fomento da produção e do compartilhamento de conteúdo, bem como o entretenimento, os cuidados com a casa, a sua gestão financeira, os quais reiteram posições e papéis tradicionais de gênero, ainda que se tenha observado, também, o uso das redes pelas mulheres com interesses voltados para fins de autoaperfeiçoamento e educação, os quais podem indicar processos de transformação em curso desses sujeitos e de suas práticas sociais.

Já os homens tendiam a buscar informações *online* como notícias sobre esportes, política, finanças, oportunidades de emprego, bem como a participar de jogos. Para Krasnova *et al.* (2017) os comportamentos dos homens na internet são marcados por maior independência, pela busca de informações para aprimorar competências e fortalecer a posição

social. Neste contexto, os homens tendem a organizar o uso das redes sociais em torno de *hobbies* ou interesses e da busca por novas amizades, construindo perfis e imagens que demonstrem força e poder para autopromoção em círculos sociais mais amplos. Logo, eles reproduzem *online* comportamentos compatíveis com a atuação na esfera pública ou da produção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender os usos e as finalidades que homens e mulheres dão às Tecnologias de Informação e da Comunicação (TIC), bem como a sua relação com os papéis sociais “destinado” a ambos no espaço doméstico. De modo geral, a pesquisa não revelou desigualdades de gênero no que tange à posse das TIC por homens e mulheres. Entretanto, as práticas de utilização das mídias nas suas diversas funcionalidades, se mostraram associadas aos papéis sociais que ambos desempenham no espaço doméstico e no trabalho. Ou seja, o gênero se mostrou associado ao uso das TIC para práticas relacionadas ao lazer, à saúde e bem-estar, cuidados com a casa, gestão financeira e educação.

Conforme se verificou na pesquisa, no uso das redes sociais, os interesses femininos estiveram orientados para a procura de informações para a família (receitas, saúde, etc.) e para a comunicação com as suas redes sociais (mail, chat, etc.). Já o uso das mídias digitais pelos homens se mostrou mais voltado para as oportunidades de aumentar o seu reconhecimento nas redes profissionais. Seus perfis se configuravam como vitrines que expunham imagens construídas para a reafirmação do “ser homem” e de sua posição de poder. A pesquisa apontou ainda que, embora recentemente tenham surgido mudanças neste padrão de comportamento, especialmente entre os mais jovens, o uso das TIC permanece “genderizado”. Muito embora, as novas tecnologias tenham introduzido mudanças à forma como as práticas do cuidado e do trabalho doméstico passaram a ser coordenados, a mulher se apropria destas novas tecnologias da comunicação para melhor ordenar e realizar as suas atribuições de gênero.

Embora o grupo investigado apresentasse uma condição ‘privilegiada’ socialmente, sendo constituído por professores, técnicos e estudantes universitários, que trabalham por tempo integral fora de casa, esta situação não revelou a flexibilização dos padrões de gênero, nem mesmo no uso das TICs. No entanto, estes não são processos fixos, indicativos de identidades cristalizadas. O uso das redes com interesses focados em autoaperfeiçoamento e educação, podem estar a indicar processos em curso, indicativos das possibilidades de

transformação desses sujeitos e de suas práticas sociais. Assim, mesmo considerando que as TIC, por si só, não alteram as práticas dos sujeitos, sendo dependente dos contextos sócio históricos e culturais em que os sujeitos estão envolvidos, elas se colocam como um recurso que aumenta as possibilidades de transformação dos sujeitos e de suas práticas. Ou seja, ao agirem nestes espaços, as mulheres têm acesso a outras realidades e a outros contextos culturais os quais estão associados pela conexão tempo-espaço, a partir da Internet.

Assim, é possível que a partir do mundo globalizado da internet, os sujeitos se confrontem com as suas subjetividades e com a diferença, levando-os ao questionamento das estruturas de poder presentes na família e à superação das relações locais na direção de uma postura crítica, ativa e aberta ao outro. Isso torna-se possível na medida em que a internet traz, entre outras coisas, um “embate de possibilidades referentes às identidades e aos processos identificatórios por meio da ampliação significativa dos modos e das oportunidades de contato com o "outro", ou com a "outridade". Neste contexto, as TIC colocam-se como um meio para a (re) definição de identidades – redefinição das identidades de sexo e gênero.

## REFERÊNCIAS

ANG, Chin-Siang. Internet habit strength and online communication: Exploring gender differences". **Computers in Human Behavior**, 2017, Vol. 66, pp.1-6.

ARAÚJO, Claudimiro Lino de. Idosos e cidadania: um olhar sobre uma construção mediada pelas novas tecnologias de informação e comunicação. **Dissertação de Mestrado** em Comunicação, Universidade Federal de Goiás. 2017. 127 f.

ARAUJO, Clara; GAMA, Andrea. (Org). **Entre a Casa e o Trabalho: gênero e família no Rio de Janeiro**. IN: Cano, Ignácio; COVRE-SUSSAI, Maira. A divisão por gênero das tarefas domésticas no Rio de Janeiro: atitudes e práticas. Rio de Janeiro, ABE Graph Gráfica e Editora. 2017. 131-162p.

ARAÚJO, Clara; VEIGA, Alinne. Domesticidade, trabalho e satisfação pessoal: horas no trabalho doméstico e bem-estar no Estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciência Política**, 2015, nº18. Brasília, setembro - dezembro de 2015, pp. 179-209

BAIN, Connie; RICE, Margareth. The Influence of Gender on Attitudes, Perceptions, and Uses of Technology. **Journal of Research on Technology in Education**, 2014, vol.24, pp. 119-132.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1997

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: Rumo a uma Outra Modernidade**. Editora 34. 2011. 384p.

- BERGER, Peter; Thomas, LUCKMANN. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Vozes.
- BIONDO, Fabiana Poços; SIGNORI, Inês. (Re)definições e (des)construções identitárias em comunidades ativistas do Facebook: contribuições das epistemologias pós-feminista e queer. **D.E.L.T.A.**, 31-especial, 2015 (169-197).
- BOLFARINE, Heleno; BUSSAB, Wilton de Oliveira. **Elementos de Amostragem**. São Paulo: Edgar Blücher. 2005.
- CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz. **Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios**. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018.
- FIELD, Andy. **Descobrimo a estatística usando o SPSS**. Tradução Lorí Viali. 2. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed. 2009.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad.: Raul Fiker. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991. 177p.
- HIRATA, Helena; ROGERAT, Chantal. Technologie, qualification et division sexuelle du travail. **Revue française de sociologie**. Paris, 1988, vol. 29, nº1, pp.171-192.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE (2018a). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua 2017. Tecnologia da Comunicação e Informação (TIC) - Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal, 2017. ISBN 978-85-240-4481-6. Disponível em: <[https://servicodados.ibge.gov.br/Download/Download.ashx?http=1&u=biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631\\_informativo.pdf](https://servicodados.ibge.gov.br/Download/Download.ashx?http=1&u=biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf)> . Acesso em: 14 de março de 2019
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE (2018b). Estatísticas de Gênero – Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica, n.38. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf)>. Acesso em: 20 de junho de 2019
- KAUFMAN-SCARBOROUGH, Carol. Time use and the impact of technology: Examining workspaces in the home. **Time & Society**, 2006, 15 (1), 57-80.
- KIMBROUGH, A. M. *et al.* Gender differences in mediated communication: Women connect more than do men. **Computers in Human Behavior**, 2013, 29, pp.896–900
- KOTZÉ, T. G.; ANDERSON, O.; SUMMERFIELD, K. Technophobia: Gender differences in the adoption of high-technology consumer products. **S.Afr.J.Bus.Manage.**, 2016, 47(1), pp.21-28.
- KRASNOVA, A.; *et al.* “Why men and women continue to use social networking sites: The role of gender differences”. **The Journal of Strategic Information System**, 2017, Vol. 26, Issue 4, pp.261-284.
- KRUG, R. R.; XAVIER, A. J., D’ORSI, E. (2018), “Fatores associados à manutenção do uso da internet, estudo longitudinal EpiFloripa Idoso”. **Revista de Saúde Pública**, 2018; pp.52-37.



LOBO, E. S. **A classe operária tem dois sexos** – Trabalho, dominação e resistência. São Paulo, Editora Brasiliense, 1991.

LORBER, Judith. *Gender inequality: Feminist theories and politics*. 4. ed. New York: Oxford University Press, 2010.

MARTINEZ-PECINO, Roberto; LERA, Maria José; MARTINEZ-PECINO, Magdalena. Active seniors and mobile phone interaction. **Social Behavior and Personality**, 2012. 40(5), 875–880.

MUSCANELL, Nicole; GUADAGNO, Rosanna. Make new friends or keep the old: Gender and personality differences in social networking use. **Computers in Human Behavior**, 2011, 28, pp.107-112.

OCDE. (2018), **Bridging the digital gender divide: include, upskill, innovate**. Organization for Economic Co-operation and Development

Peacock, S. E., & Künemund, H.. Senior citizens and internet technology. Reasons and correlates of access versus non-access in a European comparative perspective. **European Journal of Ageing**, 2007, 4, 191–200.

SIMÕES, Maria João. **Política e Tecnologia**. Tecnologias da Informação e da Comunicação e participação política em Portugal, Oeiras, Celta. 2005.

SIMÕES, Maria João; LAS HERAS, Soledad; AUGUSTO, Amelia. Género e tecnologias da informação e da comunicação no espaço doméstico: não chega ter, é preciso saber, querer e poder usar. **Configurações**, 2011, v. 8. pp: 1-18.

SCHOUTEN, Maria Johanna *et al.* **Tempo e Tecnologia. Uma abordagem de gênero para o contexto português**. Covilhã, 2012. (Relatório Técnico).

VAN DIJK, Jan. Afterword: the state of digital divide theory". In.: M. RAGNEDDA, & G. MUSCHERT (Eds.), **Theorizing Digital Divides**. New York, London : Routledge, 2018, pp.199-206. Disponível em:<[https://ris.utwente.nl/ws/portalfiles/portal/21766828/Jan\\_van\\_Dijk\\_Afterword\\_Theorizing\\_the\\_digital\\_divide\\_1\\_.pdf](https://ris.utwente.nl/ws/portalfiles/portal/21766828/Jan_van_Dijk_Afterword_Theorizing_the_digital_divide_1_.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2019.

VAN DIJK, Jan. The Evolution of the Digital Divide. The Digital Divide turns to Inequality of Skills and Usage". In.: **Digital Enlightenment Yearbook**. J. Bus et al. (Eds.), IOS Press, 2012, pp.57-75.

WAJCMAN, Judy; BITTMAN, Michael; BROWN, Jude. Families without borders: Mobile phones, connectedness and work-home divisions", **Sociology**, 2008, 42 (4), pp.635-652.